

A ABORDAGEM DE BERNARD LAHIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Cláudio Marques Martins Nogueira – UFMG

A obra de Lahire se define, em grande medida, a partir do diálogo, explícito ou não, que estabelece com a Sociologia de Bourdieu. Por um lado, é possível identificar uma linha clara de continuidade entre as perspectivas teóricas dos dois autores. A obra de Lahire se insere claramente nos limites da teoria da prática inaugurada por Bourdieu (1980) a partir de sua crítica ao subjetivismo e ao objetivismo. Embora Lahire (1999a, 2002c) dirija uma série de críticas à teoria do habitus, apontando basicamente para certas generalizações abusivas feitas a partir desse modelo teórico (sobretudo a suposição de um sistema unificado de disposições, sempre transferível para todos os contextos de ação), em linhas gerais, sua própria concepção do ator social é bastante similar à de Bourdieu. Fundamentalmente, o ator social é visto como um ser que se constitui por meio dos processos de socialização, adquirindo um patrimônio de disposições que passa a orientar suas ações, como um senso prático, nos contextos subsequentes. Embora com algumas ressalvas, Lahire mantém, portanto, toda a crítica bourdieusiana às perspectivas subjetivistas ou individualistas, que concebem o ator como capaz de tomar decisões, predominantemente, de maneira reflexiva, racional ou mesmo livre. Mantém igualmente o afastamento estabelecido por Bourdieu em relação ao objetivismo estruturalista, que reduziria a ação à execução de constrangimentos estruturais impostos de forma mecânica, ou seja, sem a cumplicidade de uma subjetividade previamente configurada em contextos sociais que tendem a ser, em alguma medida, análogos aos atuais.

Se, por um lado, as afinidades ou mesmo a continuidade entre as perspectivas teóricas dos dois autores são evidentes, por outro, Lahire se afasta de Bourdieu ao propor um olhar mais atento em relação à diversidade de experiências de socialização a que um mesmo ator é submetido (mais ou menos precoces, intensas, sistemáticas e coerentes entre si), ao caráter plural ou mesmo contraditório das disposições assim constituídas (mais ou menos fortes, estáveis e transferíveis) e à multiplicidade dos contextos de ação (nem sempre passíveis de serem descritos como um campo). Fundamentalmente, o argumento de Lahire é o de que é necessária uma análise empírica mais detalhada, por um lado, dos processos de socialização por meio dos quais as disposições são incorporadas e, por outro, dos contextos de ação, nos quais parte do passado incorporado é reativada. Segundo ele, a Sociologia, em geral, e Bourdieu, em particular, tendem a evocar de maneira abstrata os processos de incorporação do passado pelos atores e de uso desse passado em situações práticas de ação, sem investigá-los empiricamente em toda sua complexidade.

Para Lahire, os riscos dessa evocação abstrata dos processos de socialização e de uso do passado incorporado revelam-se, sobretudo, quando se passa da escala coletiva para a escala individual de análise. Ao se tratar da caracterização de um grupo ou de uma classe social, por exemplo, seria perfeitamente possível afirmar que seus membros majoritariamente ou tipicamente incorporam certas disposições, associadas aos contextos em que são socializados, e que, em função dessas, tendem a agir predominantemente de determinada maneira. Quando se toma um indivíduo como objeto sociológico, a realidade mostrar-se-ia, no entanto, bem mais complexa. Esse raramente poderia ser tomado como representante puro de um único grupo ou categoria social. Ao contrário, ao longo de sua trajetória, os indivíduos tenderiam a viver, em diferentes espaços sociais, experiências múltiplas, em alguma medida incoerentes ou mesmo contraditórias, que os constituiriam como seres plurais, portadores de um patrimônio de disposições diversificado, não unificado, e cuja transferência e utilização nos diferentes contextos de ação não seria automaticamente garantida. Fundamentalmente, o que Lahire salienta é, então, que os modelos macrosociológicos são uma simplificação da realidade social tal como vivida no plano individual. Eles são úteis por permitirem uma visão de conjunto da sociedade e dos processos sociais. Não poderiam, no entanto, ser transpostos diretamente para a escala individual, sob o risco de produzirem uma visão grosseira e enganadora da realidade individual.

As reflexões de Lahire e o trabalho empírico produzido por ele têm um duplo impacto do ponto de vista teórico e epistemológico. Diretamente, afirmam a legitimidade e a possibilidade concreta de uma sociologia em escala individual. A realidade individual seria essencialmente social, mas o social se apresentaria aí de maneira específica (complexa, plural) e exigiria, portanto, ser analisado de uma forma particular, capaz de revelar toda essa complexidade. O esforço central de Lahire é o de revelar a amplitude da diversidade inter e intraindividual, normalmente negligenciada pelas Ciências Sociais, e de apontar os caminhos para uma abordagem adequada desse plano da realidade. Indiretamente, no entanto, ao sublinhar a especificidade do plano individual e, portanto, sua irreduzibilidade aos modelos macrosociológicos, Lahire produz simultaneamente uma crítica às generalizações apressadas feitas com base nesses modelos. Em outras palavras, a abordagem de Lahire evidencia os limites de validade das explicações macrosociológicas.

No campo da Sociologia da Educação, essa dupla contribuição de Lahire se revela plenamente em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*¹. Nessa obra, ficam

¹ Tradução brasileira, de 1997, de *Tableaux de familles – heurs et malheurs scolaires en milieux populaires*, de 1995. Na obra são analisados os casos de 27 crianças oriundas de famílias com baixo capital cultural e econômico (a maioria, imigrantes), moradoras de um bairro periférico de Lyon, na França. Apesar de suas semelhanças, essas crianças apresentavam desempenho escolar contrastante no 2º ano do nível equivalente ao Ensino Fundamental, 13 estando em situação de “sucesso” e 14 em situação de “fracasso” escolar (classificação feita com base nas notas obtidas numa

por um lado, demonstrados a especificidade da realidade individual e a possibilidade de sua compreensão sociológica por meio da investigação detalhada dos processos de socialização e dos contextos de ação. Embora todas as crianças consideradas na pesquisa possuam uma origem semelhante do ponto de vista socioeconômico, uma série de diferenças secundárias, ligadas à composição, às práticas e às dinâmicas de suas famílias, faz com que elas passem por experiências socializadoras diferenciadas, incorporem um patrimônio de disposições distinto e, finalmente, estabeleçam uma relação particular com a escola e os processos de ensino e aprendizado. Fica claro, assim, que essas crianças não são simples representantes de uma categoria socioeconômica, mas seres complexos, cujo comportamento escolar só pode ser compreendido a partir de uma análise atenta à diversidade inter e intraindividual. Ao desenvolver empiricamente essa análise, Lahire evidencia simultaneamente os limites da explicação macrossociológica, especialmente bourdieusiana. Não bastaria, por exemplo, identificar a presença ou ausência de pais com capital cultural elevado. Seria preciso identificar se esse capital encontra as condições de sua transmissão no interior da configuração familiar em que o indivíduo está inserido e da qual fazem parte, não apenas os pais, mas irmãos, tios, avós, entre outros. Seria necessário considerar ainda outros elementos, como as práticas cotidianas de escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, os modos de exercício da autoridade, as práticas familiares de escolarização, que se apresentam de forma diferenciada em cada família, que interferem no processo de socialização de cada indivíduo e que repercutem em sua relação com o mundo escolar. Evidencia-se, assim, a necessidade de refinamento dos modelos macrossociológicos, de modo a não se produzir generalizações precipitadas, que negligenciem toda a complexidade presente na escala individual.

Na primeira parte deste texto, faremos uma apresentação sintética da sociologia em escala individual de Lahire, ressaltando os pontos de continuidade e ruptura em relação a Bourdieu.

Na segunda parte, discutiremos, algumas das contribuições de Lahire para a Sociologia da Educação, partindo do livro já mencionado, *Sucesso escolar nos meios populares, as razões do improvável*.

Na terceira e última parte, apontaremos alguns riscos ou limites que nos parecem associados à perspectiva de Lahire e que se relacionam à ausência, para além do esforço de investigação empírica, de uma teoria geral e explícita sobre o modo como os indivíduos lidam com as múltiplas influências a que são submetidos, aceitando-as ou rejeitando-as em maior ou menor grau.

avaliação nacional e também no julgamento dos professores das crianças). Para se investigar as bases sociais dessas diferenças de desempenho foram feitas entrevistas minuciosas com os pais ou responsáveis e observações diretas sobre o ambiente familiar.

LAHIRE E O PROGRAMA DE UMA SOCIOLOGIA EM ESCALA INDIVIDUAL

É bom começar uma discussão sobre a obra de Bernard Lahire afastando alguns possíveis mal entendidos. Apesar do autor ter chegado, provocativamente, a proclamar o programa de uma Sociologia Psicológica (1999a, 1999b), sua abordagem não se confunde de maneira alguma com aquela da Psicologia². O que ambas têm em comum é o fato de terem os indivíduos como objeto principal de suas análises. Como o próprio Lahire enfatiza, no entanto, não é o objeto e sim a abordagem que define a vinculação disciplinar de uma investigação. Seguindo esse critério, a abordagem de Lahire pode ser considerada estritamente, ou até radicalmente, sociológica. Ele toma, sem nenhuma reserva, as realidades individuais como sociais e socialmente produzidas. Segundo ele, a Sociologia não precisa respeitosamente se limitar à realidade coletiva, reservando aos psicólogos a sociologicamente impenetrável caixa preta da subjetividade individual. Ao contrário, os aspectos mais singulares de uma realidade individual poderiam e deveriam ser analisados como fenômenos socialmente produzidos³.

Partindo dessa defesa da possibilidade de tomar o indivíduo como objeto da Sociologia, Lahire vem se dedicando, ao longo de sua obra, basicamente, a explicitar as especificidades da realidade individual e, em função dessas, a propor métodos de pesquisa voltados para a investigação de tal objeto. No que se refere às especificidades da realidade individual, o autor observa que o social se apresenta no plano individual de uma forma mais complexa, heterogênea, plural do que aquela em que é captado quando se investigam realidades coletivas (Lahire 1999a, 2002a, 2002c, 2003, 2006, 2013). Ao definir suas categorias coletivas de análise, a Sociologia simplificaria a realidade. Ela se distanciaria metodologicamente das realidades individuais concretas e passaria a investigar o que é mais provável ou típico entre indivíduos de uma dada categoria social. Assim é possível dizer que os membros de determinada classe social apresentam certos comportamentos típicos ou ainda que eles têm uma probabilidade específica de agir de determinada forma. O problema apontado por Lahire é que nenhum indivíduo concreto se reduz ao seu pertencimento a uma única coletividade, seja ela a família, a classe social, o grupo de status, a religião, ou qualquer outra. Assim, a realidade individual caracterizar-se-ia justamente pela combinação de múltiplas propriedades, mais ou menos coerentes, constituídas em função da participação do indivíduo, simultaneamente ou não, em diferentes universos sociais.

² Lahire (2013, p. 12) afirma que deixou de utilizar o termo Sociologia Psicológica, justamente, pelas expectativas equivocadas que o mesmo suscitava.

³ Lahire (2002a, 2002c, 2005, 2006, 2013) insiste que não existiria uma fronteira natural entre o social e o individual e por decorrência, não existiriam objetos naturalmente reservados aos psicólogos. Não apenas os comportamentos mais explícitos, mas os pensamentos e emoções mais íntimos de um indivíduo poderiam ser analisados sociologicamente.

Lahire não nega a pertinência e a importância do conhecimento macrosociológico da realidade social⁴. O que ele procura enfaticamente demonstrar é que não se pode reduzir as realidades individuais a simples manifestações de regras gerais, típicas ou probabilísticas, estabelecidas numa escala coletiva de análise. O fato de sabermos, por exemplo, que o nível de escolaridade dos pais está diretamente relacionado ao desempenho escolar dos filhos não nos permitiria deduzir que determinado adolescente, filho de pais altamente escolarizados, tem ou terá bom desempenho escolar. Se pretendermos compreender o comportamento de um adolescente específico, estaremos lidando com uma realidade muito mais complexa do que aquela normalmente desenhada pela Sociologia da Educação. Os pais são escolarizados, mas como foram suas trajetórias escolares, que relações cada um deles mantêm com o conhecimento e que significados atribuem ao processo de escolarização? Como eles se relacionam com este filho? Quais outras pessoas mantêm laços significativos com o adolescente (irmãos, avós, vizinhos, amigos, empregados domésticos, outros parentes, etc)? Como foi ao longo do tempo e como é atualmente organizado o cotidiano dessa família e do adolescente em particular? Qual o lugar da televisão, da internet, das práticas culturais, do lazer, dos esportes, dos namoros e da religião na vida desse indivíduo? Trata-se de um adolescente de qual sexo, de qual cor ou raça, de uma cidade pequena ou grande, com pais separados ou casados, que exercem sua autoridade de forma mais rígida ou flexível? Essas questões são suficientes para revelar como, na perspectiva de Lahire, as realidades individuais são multidimensionais. Um adolescente específico não se reduz à categoria dos filhos de pais altamente escolarizados. O fato de pertencer a essa categoria é um fato muito importante, pode ser uma pista central para se tentar compreender alguns dos seus comportamentos, mas se quisermos efetivamente realizar uma análise sociológica desse indivíduo teríamos que construir uma abordagem mais complexa.

O trabalho de Bernard Lahire pode ser lido, como ele próprio reconhece (2002b), simultaneamente, como uma crítica e um prolongamento da obra de Bourdieu. No que se refere ao conceito de habitus, o autor argumenta (1999a) que os limites desse se revelam quando se passa do estudo de grandes categorias coletivas, como as classes sociais, para a análise do que ele chama de “o social individualizado”, ou seja, para a investigação do modo como indivíduos específicos vivenciam múltiplas e, em parte, incoerentes experiências sociais, as incorporam, e as utilizam em suas ações práticas. O conceito de habitus poderia ser aplicado para se referir a determinadas disposições gerais que se mostram recorrentes entre indivíduos que compartilham uma mesma posição social, uma categoria profissional, por exemplo. Seria possível verificar que esses

⁴ Ao contrário, ele tem insistido (2002c, 2012, 2013) sobre a legitimidade de se trabalhar em Ciências Sociais em diferentes escalas de análise e a partir de diferentes interesses de pesquisa.

indivíduos tipicamente se comportam de determinada maneira em determinados tipos de situação, o que sugere que eles se orientam por um conjunto comum de disposições. A análise torna-se muito mais complexa, e a utilidade do conceito torna-se menos evidente, quando o foco da investigação deixa de ser uma categoria coletiva e passa a ser, concretamente, o próprio indivíduo.

Nos termos de Lahire, o corpo individual no qual se reflete o social “tem por particularidade atravessar as instituições, os grupos, as cenas, os diferentes campos de força e de luta” (1999a, p.125). Assim, analisar sociologicamente a experiência individual implicaria considerar o efeito sincrônico e diacrônico de múltiplas experiências sociais, em parte contraditórias e mesmo antagônicas, agindo sobre o mesmo indivíduo⁵. Implicaria, ainda, considerar o modo como os indivíduos reativam os produtos dessas múltiplas experiências em diferentes contextos de ação.

Na perspectiva de Lahire, a análise do social individualizado, ou seja, do social tal como ele se apresenta no plano individual exigiria, então, o enfrentamento de dois conjuntos de questões que, segundo ele, normalmente, seriam negligenciadas nas abordagens macrosociológicas. Primeiro: como se constituem socialmente as disposições individuais? Como se dá, efetivamente, o processo de incorporação do social? Como, a partir de múltiplas e, às vezes, contraditórias experiências de socialização, os sujeitos constituem suas disposições? Segundo: como o passado incorporado pelos indivíduos é reativado nos contextos de ação? Como, em cada momento, a partir de um conjunto mais ou menos heterogêneo de disposições e competências incorporadas, alguns elementos são selecionados e efetivamente utilizados? Com que frequência e intensidade cada uma das disposições incorporadas se manifesta ao longo da vida? Em que medida cada uma delas é transposta para esferas da vida social diferentes daquelas nas quais foram constituídas? Qual a possibilidade de que uma disposição seja enfraquecida ao longo do tempo, ou mesmo seja abandonada?

Com relação à constituição das disposições, Lahire propõe uma análise empírica detalhada do processo concreto de socialização do ator individual. Ter-se-ia que considerar a precocidade, a intensidade e a regularidade de cada experiência de socialização vivida pelo indivíduo, bem como o grau de coerência entre essas múltiplas experiências. A força maior ou menor que uma disposição assumiria na vida de um indivíduo, o caráter mais ou menos irreversível com que ela seria incorporada, o grau em que ela seria transferida para seus diversos contextos de atuação, tudo isso só poderia ser compreendido a partir da reconstituição sociológica do seu processo de socialização.

Com relação ao uso que os sujeitos fazem do seu passado incorporado, Lahire nos fala (1999a, p. 141) de um mecanismo de “inibição – colocação em vigília / ativação – colocação em

⁵ O grau de heterogeneidade da experiência social dos indivíduos variaria em função do contexto histórico e social no qual eles se encontram; seria menor, por exemplo, nas chamadas sociedades tradicionais, e maior nas sociedades urbanas e industriais (Lahire, 2002c, 2012, 2013).

ação” das disposições. O passado incorporado não se converteria automaticamente e nem necessariamente em prática efetiva. Esse passado seria formado por múltiplas e nem sempre coerentes disposições incorporadas, que, como tais, não poderiam ser colocadas simultaneamente em ação. O modo e a frequência com que uma disposição seria atualizada só poderiam ser compreendidos considerando-se, por um lado, o lugar ocupado por ela no processo de socialização do indivíduo e, por outro, a natureza atual dos contextos sociais frequentados pelo mesmo, contextos que podem ser mais ou menos favoráveis a essa atualização.

No que se refere ao uso concreto que os atores fazem de suas disposições, Lahire desenvolve, na verdade, basicamente três argumentos. Em primeiro lugar, observa (1999a. p. 132) que o modelo bourdieusiano da “necessidade feita virtude” ou do “amor ao necessário” “designa de fato uma modalidade particular de existência do social incorporado e de sua atualização”, não podendo, no entanto, ser generalizado. Os indivíduos não seriam, necessariamente, guiados de modo irresistível pelas suas disposições incorporadas. A atualização de uma determinada disposição poderia ocorrer tanto de uma forma apaixonada, como algo que move irresistivelmente o indivíduo, quanto como algo que se efetiva por simples rotina ou mesmo por obrigação. Seria necessário, inclusive, (p. 132) distinguir, com maior frequência, entre a capacidade de fazer certas coisas e o gosto ou desejo de fazê-lo. As duas coisas não viriam necessariamente juntas.

Em segundo lugar, Lahire argumenta que a tese da transposição das disposições para contextos variados, também, não pode ser aprioristicamente generalizada. O grau em que uma disposição seria transposta para outros contextos dependeria, por um lado, do caráter mais ou menos específico da disposição e, por outro lado, do lugar ocupado por ela no quadro heterogêneo das disposições incorporadas pelo ator individual. Não seria adequado, por exemplo, supor, aprioristicamente, independentemente de análise empírica detalhada, que o habitus profissional se transfira automaticamente e seja central na orientação do indivíduo nas suas diversas esferas de atuação.

Finalmente, em terceiro lugar, Lahire observa que a possibilidade maior ou menor de mudança, enfraquecimento ou mesmo abandono de uma disposição, também, só poderia ser definida a partir de uma análise empírica detalhada do processo de socialização e da inserção social atual do ator que a sustenta.

Em síntese, o que Lahire (1999b, 1999a, 2001, 2002a, 2002c 2003, 2006, 2012, 2013) propõe é uma análise empírica mais detalhada dos processos de constituição das disposições individuais e de atualização dessas em contextos específicos. Por um lado, ter-se-ia que analisar detalhadamente as múltiplas experiências de socialização vividas pelo indivíduo, considerando o grau de coerência existente entre elas e sua maior ou menor intensidade, regularidade e precocidade.

Por outro, ter-se-ia que observar e comparar o modo como o mesmo indivíduo age em diferentes contextos sociais (na vida familiar, profissional e escolar, por exemplo), buscando identificar a existência de possíveis regularidades em seu comportamento. Tendo em mãos esses dois conjuntos de informações, buscar-se-ia identificar possíveis relações entre as experiências de socialização vividas pelo indivíduo ao longo do tempo e as regularidades no seu comportamento atualmente observadas. Essas relações seriam interpretadas como indícios da constituição, incorporação e atuação de um conjunto determinado de disposições.

As disposições seriam justamente aquilo que foi incorporado a partir do processo de socialização e que, supostamente, passou a orientar o indivíduo em suas ações subsequentes. Correspondendo a experiências de socialização mais ou menos precoces, intensas, regulares e diversificadas, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições mais ou menos fortes, duradouras, transferíveis e coerentes entre si.

LAHIRE E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

É possível dizer que em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* encontram-se condensadas as principais contribuições de Lahire para o campo da Sociologia da Educação. Vale notar que nessa obra é retomada a tese fundamental desenvolvida em seus trabalhos anteriores relativa ao papel da escrita na produção do sucesso ou do fracasso escolar⁶. A escrita seria o elemento central da cultura escolar. A escola suporia em sua forma de organização, nas atividades que propõe e nos seus instrumentos de avaliação uma atitude racional por parte dos alunos, ou seja, o uso da abstração, da reflexão, do planejamento e do cálculo. Todas essas habilidades estariam diretamente relacionadas ao distanciamento em relação às situações imediatas propiciado pela escrita. Mais do que um simples instrumento de registro ou de transmissão do conhecimento, a escrita estaria na base de um modo mais racional de organização do pensamento e da realidade prática. Assim, as crianças socializadas em famílias em que há uma maior presença da cultura escrita tenderiam a ter maior facilidade na escola, não apenas no que se refere às atividades diretamente ligadas ao aprendizado e uso da língua, mas em relação ao conjunto de atitudes e comportamentos valorizados pela instituição.

Em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, Lahire vai, no entanto, muito além do tema da escrita. O autor considera quatro outras dimensões em relação às quais as famílias se distinguiriam e que teriam impacto sobre a escolarização das crianças. Uma primeira seriam as condições e disposições econômicas. Mesmo entre famílias com uma situação

⁶ Ver, por exemplo: *Culture écrite et inégalités scolaires. Sociologie de l' "échec scolaire" à l'école primaire*, 1993.

socioeconômica semelhante, existiriam diferenças secundárias relacionadas ao tipo de atividade econômica exercida e à regularidade e estabilidade profissionais dos pais ou responsáveis. A situação socioeconômica seria afetada ainda por aspectos contingentes, como divórcio, morte, doenças ou uma situação de desemprego. De um modo geral, uma situação mais estável e regular favoreceria uma gestão mais racional do cotidiano familiar, permitindo o planejamento das atividades e horários a serem cumpridos, a organização de um orçamento e a definição de objetivos a serem perseguidos em um prazo mais longo⁷. Na perspectiva de Lahire, essa organização racional do cotidiano tenderia a afetar os processos de socialização, favorecendo a constituição nas crianças de disposições consonantes com esse ambiente familiar, ou seja, uma maior propensão para o uso racional do tempo, para o cumprimento dos horários e para o planejamento das atividades. Essas disposições seriam, por sua vez, de grande importância para uma boa adaptação dos alunos aos prazos, horários e aos objetivos de curto, médio e longo prazo associados à vida escolar.

Uma segunda dimensão considerada por Lahire é a chamada ordem moral doméstica. O autor observa que algumas famílias, apesar do seu baixo capital cultural, favorecem a escolarização dos filhos indiretamente, por meio da criação de um mundo ordenado, no qual impera o respeito pela autoridade (inclusive dos professores), a definição clara de obrigações (incluindo a realização dos deveres escolares), o estabelecimento de horários para a realização de atividades (entre as quais, os estudos), o controle sobre as relações de amizade, entre outros. Essas famílias, mesmo que de forma não inteiramente intencional ou consciente, preparariam seus filhos para atenderem certas expectativas próprias ao ofício de aluno: disciplina, bom comportamento, respeito às regras, perseverança, cuidado na apresentação das atividades escolares, etc. Mais do que isso, Lahire sustenta a tese de que a ordem moral e material⁸ familiar tende a se traduzir numa ordem cognitiva. As crianças socializadas num ambiente estável e ordenado tenderiam a adquirir “estruturas cognitivas ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir, organizar os pensamentos” (1997, p. 26), habilidades altamente valorizadas pela escola.

Lahire considera ainda as formas específicas de exercício da autoridade familiar. Em algumas famílias a autoridade se exerce sobretudo de fora para dentro, por meio da vigilância e da punição imediata dos atos incorretos, usualmente por meio de sanções físicas. Em outras famílias, ao contrário, o exercício da autoridade se realiza por meio do diálogo e do estímulo ao raciocínio da

⁷ Lahire (1997, p. 24) observa, no entanto, que a gestão mais racional do cotidiano não decorre diretamente da situação socioeconômica vivida pela família. Diante da mesma situação objetiva, as famílias podem se organizar de formas diferentes em função de suas próprias trajetórias passadas e, portanto, das disposições econômicas que tenham anteriormente interiorizado. Assim, é possível encontrar entre famílias com situação econômica bastante semelhante hábitos de planejamento e poupança bastante diferentes.

⁸ No sentido, acima discutido, de uma situação econômica estável e regular.

criança, de forma que ela entenda e incorpore as normas de comportamento e passe a se autocontrolar mesmo na ausência de uma vigilância e do risco de uma punição externa imediata. Lahire observa que este segundo tipo de família propicia o desenvolvimento da autonomia e da autodisciplina por parte das crianças, qualidades que as tornam mais aptas a atender às regras escolares. As crianças socializadas em famílias do primeiro tipo, por outro lado, tenderiam a ter dificuldade de se adequar ao regime disciplinar escolar, uma vez que estariam acostumadas a seguir as regras somente diante da vigilância externa imediata e da ameaça direta de punição, em muitos casos, física.

Uma última dimensão destacada por Lahire diz respeito às formas de investimento pedagógico utilizadas pelas famílias. O autor se contrapõe à tese segundo a qual o sucesso escolar nos meios populares dependeria de um superinvestimento escolar por parte dos pais. Ele argumenta que a “superescolarização” (presença constante da família na escola, ajuda intensa na execução dos deveres de casa, proposição de atividades extras de complementação do aprendizado, monitoramento e cobrança constante de desempenho escolar, etc) é uma forma por meio da qual o sucesso escolar pode ser alcançado, mas não é a única possível. Algumas famílias apoiariam a escolarização de seus filhos de forma mais discreta e indireta e mesmo assim obteriam bons resultados. Inversamente, o autor sublinha a existência de casos de superinvestimento escolar paradoxais, em que os resultados não correspondem à intensa mobilização familiar. De um modo geral, seria preciso observar em que medida os meios adotados pelas famílias para monitorarem, estimularem e cobrarem bons resultados escolares dos filhos são de fato pedagogicamente adequados e, sobretudo, em que medida há uma consonância entre as concepções educativas, normalmente implícitas, adotadas pelas famílias em suas práticas e aquelas empregadas pela escola. Algumas crianças viveriam entre dois regimes educativos incongruentes, o familiar e o escolar.

Um argumento central desenvolvido por Lahire em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* é o de que na análise de casos particulares, como as realizadas nessa obra, as diferentes dimensões da vida familiar não devem ser tomadas como fatores isolados. As cinco dimensões ou “traços pertinentes da leitura sociológica” sublinhados por ele (cultura escrita, condições e disposições econômicas, ordem moral doméstica, formas de autoridade familiar e formas familiares de investimento pedagógico) deveriam ser considerados de maneira combinada. Os efeitos de cada uma dessas dimensões sobre a escolaridade de uma criança poderiam ser potencializados ou enfraquecidos em função do modo como as demais se apresentam na configuração familiar específica que está sendo analisada. Lahire observa ainda que normalmente nenhuma dimensão seria suficiente para garantir o sucesso escolar, assim como nenhuma delas seria indispensável para que o mesmo ocorra. A presença, por exemplo, de uma forte cultura escrita ou

do capital cultural em geral não garantiria o sucesso escolar. Por outro lado, a ausência desses elementos poderia ser compensada, em alguma medida, pela existência, por exemplo, de uma forte ordem moral.

Lahire observa também que essas dimensões não poderiam ser tomadas de maneira abstrata, desencarnada, descontextualizada, como seria o caso nos modelos macrosociológicos. O autor procura investigar justamente o modo como as vantagens ou desvantagens são transmitidas às crianças a partir de processos de socialização concretos, vividos em configurações familiares reais. Aqui fica clara a distinção entre as escalas coletiva e individual de análise estabelecida pelo autor⁹. Numa escala coletiva, baseada em regularidades estatísticas, seria possível afirmar que, em geral, determinado fator favorece ou prejudica o sucesso escolar. Já na análise de casos individuais, seria preciso investigar como um fator geral, como o gosto do pai pela leitura, por exemplo, encontrou ou não condições de ser efetivamente transmitido ao filho, por meio de um contato significativo e de práticas socializadoras precoces, intensas, regulares e coerentes. O pai pode adorar ler e mesmo assim não conseguir transmitir essa disposição, seja por falta de tempo para ler para o filho ou para conversar com o mesmo sobre o que lê, seja por ter uma relação emocionalmente distante ou conflituosa com a criança. Caberia, ainda, analisar em que medida a influência do pai em matéria de leitura mostrou-se confluyente ou contraditória em relação às recebidas de outros membros da família ou mesmo de pessoas externas ao círculo familiar. O gosto do pai e sua possível influência podem estar sendo neutralizados, por exemplo, pela forte aversão da mãe pela leitura. Seria necessário pesquisar, portanto, a rede concreta de relações sociais em que a criança esteve e está inserida, no interior da qual ela teve acesso a um conjunto específico de experiências socializadoras e incorporou um patrimônio particular de disposições.

Partindo dessa última observação, cabe destacar aqui um dos aspectos centrais da abordagem desenvolvida por Lahire em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. As famílias são consideradas nessa obra em sua heterogeneidade. Em primeiro lugar, como já foi mencionado, o desenho da pesquisa supõe a busca justamente de diferenças secundárias entre famílias pertencentes a um meio social relativamente homogêneo, marcado por baixo capital cultural e econômico. Lahire procura ressaltar que essas diferenças secundárias são suficientes para configurarem experiências socializadoras contrastantes, propiciarem a incorporação de um patrimônio diferenciado de disposições e, finalmente, favorecerem o alcance de resultados escolares

⁹ Embora já apareça aqui de forma clara, a distinção entre as escalas individual e coletiva de análise será feita de forma mais explícita em obras posteriores do autor (por ex. 1999a, 2002a, 2002c). São também em obras posteriores que o projeto de Lahire de uma Sociologia em escala individual atinge sua máxima realização em termos empíricos (por ex. 2002a, 2006, 2010). Essas obras, no entanto, diferentemente da que está sendo discutida aqui, não têm os processos de escolarização dos indivíduos como seu foco principal.

mais ou menos positivos. O autor enfoca, no entanto, não apenas as diferenças entre as famílias, mas também as diferenças internas ao grupo familiar. Neste sentido, observa que mesmo quando se assemelham do ponto de vista de certos atributos classicamente considerados pela Sociologia da Educação, como o nível de escolaridade, pais e mães são seres sociais distintos, com trajetórias sociais e escolares próprias e que, portanto, tendem a submeter os filhos a lógicas socializadoras, até certo ponto, contrastantes, ou mesmo contraditórias. A heterogeneidade interna das famílias resultaria ainda da participação de outros membros, como avós, tios, irmãos, que também fariam parte da rede de interdependência familiar e interfeririam nos processos de socialização vividos pelas crianças¹⁰. Lahire considera ainda as diferenças relacionadas ao gênero no interior das famílias. Seria necessário considerar não apenas as diferenças nos papéis ocupados por pais e mães e suas repercussões sobre a socialização dos filhos, mas os laços de identidade e as distâncias relativas que tendem a se estabelecer, por exemplo, entre os irmãos, conforme sejam do mesmo sexo ou do sexo oposto.¹¹.

O esforço de Lahire no sentido de captar a heterogeneidade das famílias é coerente com sua tese central relativa à especificidade da escala individual de análise. Para entender os resultados escolares de uma criança específica não bastaria a caracterização geral e abstrata do grupo social a que ela pertence. Seria necessário investigar a configuração familiar concreta na qual ela está inserida, a força relativa dos laços de interdependência que a unem a cada um dos outros membros do grupo, a natureza mais ou menos contraditória das lógicas socializadoras a que ela é submetida, sincrônica e diacronicamente. Seria preciso considerar, ainda, que as configurações familiares são não apenas, em alguma medida, internamente heterogêneas ou mesmo contraditórias, mas também instáveis. Em um dado momento, a mãe pode ter maior disponibilidade para cuidar da criança, em outro, pode ser necessário apelar para os cuidados dos avós ou dos irmãos mais velhos, num terceiro, é possível que o pai, agora desempregado, possa estar mais presente e, assim por diante. Cada uma dessas mudanças modificaria, em alguma medida, as relações de interdependência em que a criança está inserida e as experiências socializadoras a que está submetida. Conforme estejam mais ou menos presentes e atuantes, pais, mães, irmãos ou avós terão oportunidades maiores ou menores de estreitar seus laços com a criança e, de alguma forma, influenciá-la em diferentes aspectos.

¹⁰ Lahire analisa vários casos em que membros da família estendida desempenham papel importante nos processos de socialização da criança e mesmo no acompanhamento direto de sua escolarização. Cabe destacar situações em que a principal fonte de capital cultural não são os pais, mas um irmão ou irmã, que passa, assim, a desempenhar papel decisivo no apoio à escolarização da criança.

¹¹ Lahire analisa, por exemplo, um caso no qual a irmã, bem sucedida na escola, tem dificuldades para influenciar o irmão mais novo, que se mostra bem mais receptivo diante de seu outro irmão, do mesmo sexo, com o qual estabelece fortes laços de identificação.

No que se refere especificamente aos processos de escolarização, Lahire ressalta que os adultos normalmente transmitem às crianças não apenas informações objetivas sobre o funcionamento e sobre os conteúdos inerentes ao aprendizado escolar, mas também uma interpretação subjetiva e emocional sobre o mundo escolar, baseada, em grande medida, em sua própria experiência como alunos. As experiências de sofrimento, fracasso, humilhação ou, ao contrário, de sucesso e realização pessoal vividas na escola tenderiam a ser repassadas às crianças, mesmo que de maneira involuntária, por meio de práticas e comentários cotidianos relativos, por exemplo, ao nível de dificuldade, de relevância e de prazer associado às diferentes disciplinas, ou ainda sobre o modo de funcionamento da escola e o comportamento dos professores (descritos, por exemplo, como mais ou menos comprometidos, competentes e sensíveis às necessidades das crianças).

De forma mais ampla, Lahire observa que os membros de cada família transmitem para as crianças, por meio de seus intercâmbios cotidianos, uma certa definição do lugar simbólico da escolarização. Assim, um pai que escuta atentamente o filho e que o questiona de maneira interessada sobre suas atividades na escola demonstraria, mesmo que de forma não intencional, a importância que atribui à vida escolar da criança. Do mesmo modo, um pai pouco escolarizado que pede ajuda ao filho para lidar com assuntos práticos, como a leitura de um documento ou o preenchimento de um formulário, por exemplo, indiretamente, estaria demonstrando o reconhecimento que atribui ao conhecimento escolar. Esses aspectos mais sutis precisariam ser considerados para se compreender o lugar efetivo que a escolarização ocupa nos processos de socialização a que um indivíduo específico é submetido.

Sinteticamente, é possível dizer que em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, Lahire lança as bases de uma Sociologia da Educação em escala individual. Para se compreender as relações que uma criança particular tem com a escola e os resultados que alcança na mesma, seria necessário investigar, com a maior riqueza de detalhes possível, os processos de socialização, sobretudo familiares, vividos por ela. Mesmo dentro de um mesmo meio social, definido em termos do nível de capital cultural e econômico, as famílias seriam muito diferentes entre si. Cada criança seria submetida, assim, a um conjunto singular de experiências socializadoras, tornado possível pela configuração específica de relações sociais presentes em sua família em determinado momento e ao longo do tempo. Como produto dessas experiências e dessas relações sociais, a criança tenderia a incorporar um conjunto mais ou menos diferenciado ou mesmo contraditório de disposições. Conforme esse patrimônio de disposições incorporado, ela estaria mais ou menos apta a atender as exigências da instituição escolar. O sucesso escolar nos meios populares

se mostraria mais viável nos casos em que se observa uma consonância, pelo menos parcial, entre as lógicas socializadoras prevalentes na família e os princípios educativos presentes na escola.

Lahire (1997, p. 31) chama atenção, de qualquer forma, para o fato de que são possíveis diferentes estilos de sucesso escolar: “através do ofício de aluno ou de desempenhos brilhantes, através de qualidades literárias ou científicas, em uma forma “tímida” ou “arriscada”, “rigorosa” ou “criativa”...”. Temos aqui sugerido, embora não plenamente desenvolvida, a tese de que, assim como a família, o contexto escolar também é heterogêneo e, em alguma medida, contraditório. A realização plena da Sociologia da Educação em escala individual proposta por Lahire exigiria uma análise do contexto escolar tão minuciosa quanto a feita em relação à família.

Cabe finalmente ressaltar, que embora central, a contribuição de Lahire para a Sociologia da Educação não se reduz a obra aqui discutida. Apesar de não ter priorizado o tema da educação após *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, Lahire continua a influenciar esse campo disciplinar com sua proposta de uma análise empírica minuciosa dos processos de socialização e uso do passado incorporado por indivíduos específicos. Vale sublinhar que em algumas de suas obras seguintes, como em *Retratos Sociológicos*, o autor aprofunda essa proposta, enfatizando, por um lado, os múltiplos cenários em que um indivíduo é socializado, para além do ambiente familiar, e, por outro, a diversidade dos contextos nos quais esse mesmo indivíduo é levado a agir, reativando, de forma nem sempre coerente, partes do seu complexo patrimônio de disposições. Embora a educação escolar não seja o ponto central dessa obra, tem-se aqui trabalhado, de forma inovadora, um dos temas centrais da Sociologia da Educação: a socialização. Cabe também destacar a contribuição de Lahire para o debate, de grande importância para a Sociologia da Educação, sobre legitimidade cultural. Em *A cultura dos indivíduos*, servindo-se mais uma vez de uma abordagem em escala individual, o autor nos revela que os indivíduos são menos coerentes em suas atitudes e práticas culturais do que se poderia prever com base nos modelos macrosociológicos. O alinhamento rígido em relação às hierarquias culturais e, mais especificamente, em relação às fronteiras entre o legítimo e o ilegítimo seria a exceção e não a regra. Instaura-se aqui todo um amplo e rico debate com a Sociologia da Cultura e da Educação de inspiração Bourdieusiana¹².

LIMITES E RISCOS ASSOCIADOS À PERSPECTIVA DE LAHIRE

¹² Esse debate continua a ser alimentado por algumas das obras mais recentes de Lahire (por ex. 2010), nas quais são analisadas as vidas e obras de grandes escritores e demonstrado que suas atitudes e comportamentos não decorrem de forma simples e direta de sua posição mais ou menos prestigiosa no campo cultural.

Como foi discutido nas duas primeiras partes deste texto, o programa sociológico proposto por Lahire consiste, antes de tudo, num convite a uma apreensão empiricamente mais detalhada da realidade individual. Propõe-se, basicamente, um esforço de investigação da pluralidade de experiências socializadoras vividas sincrônica ou diacronicamente por indivíduos específicos, bem como uma análise detalhada dos múltiplos contextos em que diferentes componentes do patrimônio de disposições e competências de um mesmo indivíduo se manifestam. Cabe reiterar que o valor desse projeto científico não se restringe ao conhecimento específico que ele pode gerar sobre as experiências passadas e os modos atuais de ação de indivíduos singulares. Sua maior contribuição talvez seja a de nos tornar epistemologicamente mais atentos em relação aos riscos de uma transposição mecânica, indevida e inadvertida de conhecimentos gerados em escala macrossocial para o plano individual. Um indivíduo não seria normalmente um representante de um único grupo ou posição social, mas o produto complexo de experiências vividas em múltiplos cenários sociais e suas ações, realizadas em diferentes contextos, refletiria a complexidade e muitas vezes a incoerência ou mesmo a contradição interna de seu patrimônio incorporado.

Se os méritos do programa sociológico de Lahire parecem inegáveis, seus limites também parecem bastante claros. Fundamentalmente, argumentar-se-á nesta última parte do texto que, para além do detalhamento empírico proposto, falta ao projeto de Lahire uma teoria mais consistente sobre o modo como os indivíduos lidam com seu contexto, seja no passado ou no presente, incorporando ou rejeitando, em maior ou menor grau e de maneira consciente ou não, diferentes influências sociais. O ator é na perspectiva do autor, basicamente, um suporte onde se armazenam, a partir das experiências de socialização, competências, hábitos ou disposições mais ou menos fortes que funcionam como esquemas de ação potenciais, passíveis de serem reativados conforme as características dos novos contextos de ação. Não há uma teoria geral sobre o funcionamento interno ou psíquico dos indivíduos e sobre o modo como esses interagem ativamente com seu ambiente de ação, aceitando ou resistindo às possíveis influências externas¹³. Qualquer teoria geral sobre a subjetividade humana é descartada em nome da defesa de uma análise empírica detalhada do patrimônio de disposições incorporado por indivíduos concretos e específicos e de seus contextos de ação. A única afirmação geral sobre a subjetividade humana é justamente a de que essa não tem uma lógica própria de funcionamento¹⁴. Qualquer reação individual é sempre explicada pelo

¹³ Observações semelhantes sobre o trabalho de Lahire são feitas por Rochex, 2000.

¹⁴ Nas palavras do autor (2002c): “o “dentro” ou o “interior” (o mental, o cognitivo, etc) é apenas um “fora” ou um “exterior” (formas de vidas sociais, instituições, grupos sociais, processos sociais, etc. dobrado”. E mais a frente: “o “interior” não é outra coisa que o “exterior” amassado ou dobrado e não tem nenhum primado ou anterioridade nem qualquer especificidade irreduzível. Para compreender o “interior” só há uma solução: fazer o estudo mais exato, circunstanciado e mais sistemático possível do “exterior”.

contexto externo passado, que foi incorporado, e pelo contexto atual de ação. Os atores são impregnados pelas forças do contexto externo durante sua socialização e passam a reativar nas situações atuais, de maneira basicamente involuntária,¹⁵ (Lahire, 2002c, p. 72) os esquemas por meio dos quais lidaram com suas experiências passadas.

O problema é que as experiências de socialização não se definem a partir de um contexto externo fixo ao qual os indivíduos passivamente se submetem. Elas são construídas interativamente pelos atores envolvidos. O sujeito que está sendo socializado pode intensificar sua participação nessa experiência, ampliando seu tempo de exposição e o grau de seu investimento material e emocional na mesma, assim como normalmente pode, em alguma medida, buscar se afastar ou reduzir seu envolvimento com a mesma ao mínimo necessário. Até mesmo diante da escola, instituição de socialização sistemática, prolongada e relativamente precoce, é possível adotar atitudes de resistência, de recusa ou, mais comumente, de aceitação formal da imposição institucional, sem um envolvimento efetivo com o projeto de escolarização proposto. Não parece suficiente explicar essas variações na reação dos indivíduos a um mesmo contexto de socialização afirmando que essas expressam a reativação de esquemas de ação aprendidos em contextos anteriores. Não há dúvida de que os indivíduos mobilizam recursos do passado para interpretar e se orientarem nos contextos atuais. Mas isso explica apenas parte do que constitui suas ações. Mais do que isso, parece necessário, continuando no mesmo exemplo, entender porque para alguns alunos a escolarização faz sentido e se torna um foco de investimento intenso e de realização pessoal, enquanto para outros ela é um sacrifício contínuo, frente ao qual todas as estratégias de resistência ou mesmo de deserção parecem válidas. O sentido da ação individual, indicado pela intensidade e direção dos investimentos e pelas estratégias de resistência e evitamento, não parece compreensível como simples efeito da transferência de esquemas de ação passados para situações de ação análogas no presente. Parece-nos necessário acrescentar a esse esquema interpretativo uma teoria explícita sobre o funcionamento da subjetividade humana, sobre o que motiva os indivíduos a investirem ou a se afastarem de diferentes experiências sociais, a se sujeitarem ou resistirem às múltiplas e muitas vezes incoerentes e contraditórias tentativas de influência recebidas de seu ambiente externo.

Em síntese, pretendemos argumentar que os limites do programa sociológico de Lahire, sintetizado na fórmula “passado incorporado + contexto presente = práticas observáveis” (2012, p.25) encontram-se na ausência de uma teoria sólida sobre a relação dos indivíduos com seu ambiente externo. O que faria com que um sujeito aceitasse ou mesmo buscasse ativamente

¹⁵ Mesmo a adoção de uma postura mais reflexiva por certos atores seria algo, basicamente, involuntário, fruto do encontro de uma disposição reflexiva, anteriormente incorporada, com um contexto propício à sua atualização.

incorporar uma nova disposição ou competência no interior de uma experiência potencialmente socializadora, enquanto outro resistiria de maneira mais ou menos ativa a essa mesma possível influência social? O que faria, num segundo momento, com que um sujeito transferisse para um novo contexto um mesmo modo de ação, já aplicado em contexto análogo, enquanto outro, tendo vivido experiência similar, buscaria romper com o passado, evitando a situação ou reagindo à mesma de maneira diferente? Como já dissemos, não nos parece suficiente explicar essas reações individuais apenas como manifestações de disposições incorporadas, reativadas pelos contextos atuais. É preciso também considerar a lógica interna por meio da qual os indivíduos reagem às experiências socializadoras e aos contextos de ação.

A discussão sobre os modos ou os mecanismos por meio dos quais se estabelece a relação dos indivíduos com seu meio social se desenvolve no campo da Sociologia por meio da já clássica discussão, acirrada a partir dos anos 80 (Alexander, 1987), sobre indivíduo e sociedade, estrutura e ação, individualismo e holismo. Lahire (2002c, 2005, 2012, 2013) sustenta uma postura basicamente crítica em relação a toda essa discussão. Segundo ele, esse debate estaria baseado numa separação equivocada entre indivíduo e sociedade, como se fossem duas entidades independentes, sendo que na verdade elas deveriam ser consideradas como dimensões inseparáveis de uma mesma realidade.

Inspirado pelas teses de Norbert Elias explicitadas em “A sociedade dos indivíduos”, 1994, Lahire insiste que não existiriam duas realidades separadas, cujo modo de articulação se precise investigar. Os indivíduos seriam produto da incorporação do social e este, por sua vez, só existiria enquanto instância separada dos indivíduos que o compõem na medida em que é metodologicamente reconstituído pelo pesquisador a partir da agregação e categorização de propriedades individuais. Na realidade empírica, o que teríamos seria uma sociedade formada por redes de indivíduos interdependentes, cujas características pessoais são definidas em função de sua participação nessas redes¹⁶.

Sem dúvida, Lahire tem boas razões para rejeitar tanto os reducionismos individualistas quanto coletivistas, tanto a ilusão atomista de um ser associal, existindo anterior e independentemente em relação à realidade social, quanto um certo holismo sociológico, que reifica e personaliza as coletividades, transformando-as em entidades mais ou menos autônomas em relação aos indivíduos que as compõem.

¹⁶ Lahire (2002c, 2006) lembra ainda - seguindo Durkheim e, mais uma vez, Elias – que a própria noção de indivíduo, como ser dotado de relativa autonomia e contraposto à realidade social, tem sua história, não podendo ser, portanto, tomada como algo naturalmente dado..

A concepção alternativa da realidade social, esboçada por ele a partir de Elias, também parece bastante atraente. A realidade social definir-se-ia como uma rede de relações de interdependência entre indivíduos que se definem precisamente pelo modo como se inserem nessas redes. Empiricamente, o social só existiria incorporado em indivíduos concretos e os indivíduos por sua vez, só existiriam como seres socialmente constituídos.

Embora seja possível concordar com as críticas que Lahire e Elias fazem aos reducionismos e às falsas dicotomias que perturbam nosso entendimento sobre as realidades sociais e mesmo considerar que eles propõem uma concepção mais sofisticada da vida social, por meio da noção de redes de interdependência, não se pode considerar que essas críticas e essa proposta sejam suficientes para que se descarte, de uma vez por todas, o problema da relação entre indivíduos e contexto social. Mesmo que tenhamos em mente que os indivíduos começam a ser socialmente constituídos desde a mais tenra idade, e que, portanto, a sociedade já está incorporada neles desde a infância, considero que permanece, de qualquer forma, o desafio de compreender como eles lidam, a cada novo passo de suas trajetórias, com as novas influências a que são submetidos. Não é preciso hipostasiar a realidade social e contrapô-la a uma realidade individual associal para se justificar a colocação e o enfrentamento do problema teórico da relação de um indivíduo (certamente já socializado) com seu meio social. Mesmo que aceitemos, com Lahire, que cada indivíduo é fundamentalmente o social incorporado, permanece o problema de se compreender como esse ser socialmente constituído mantém ou modifica suas propriedades a partir de cada nova interação que estabelece com os demais, ou seja, em que medida se submete ou resiste a cada nova influência socializadora.

Acredito que Lahire insistiria em responder a essa questão de maneira essencialmente empírica. Segundo ele, não seria necessário criar ou recorrer a nenhum conceito ou proposição teórica para se pensar sociologicamente a relação dos indivíduos com seu contexto social. Não seria preciso formular teorias gerais sobre o que os indivíduos buscam em sociedade ou sobre o modo como eles agem. O que os indivíduos buscam e o modo como eles agem seria determinado pelos processos de socialização a que foram submetidos e pelos contextos atuais da ação, mais ou menos favoráveis à manifestação das disposições incorporadas. Todo o comportamento dos indivíduos (conformista ou desviante), bem como os pensamentos, percepções, emoções, que podem estar na base de suas reações diferenciadas, seriam explicados pela socialização passada que se preserva na forma de disposições incorporadas. Se eles são receptivos a uma nova experiência socializadora é porque as disposições que os levam a isso foram solidamente incorporadas e encontram um contexto favorável à sua manifestação. Se resistem, por outro lado, isso se deveria à atuação de outras disposições mais fortes e/ou à existência de um contexto diferente do anterior.

Os sujeitos são reduzidos a depositários de disposições constituídas a partir de seus ambientes sociais e suas ações são transformadas em manifestações, variáveis conforme os contextos sociais, dessas mesmas disposições. Na ausência de uma teoria geral sobre a subjetividade ou mais especificamente sobre o que motiva consciente ou inconscientemente os seres humanos a manter ou romper seus laços sociais (se sujeitando ou resistindo à possíveis experiências socializadoras), temos, na verdade, em última instância, a dissolução do sujeito como dimensão explicativa própria, ou seja, sua redução às determinações do contexto social objetivo passado (experiências de socialização) e presente (suas condições atuais de ação).

Discutindo o conceito de habitus de Bourdieu, Alexander (2000) afirma que trata-se do Cavalo de Tróia do determinismo. Apresentado como instrumento de introdução da dimensão subjetiva na teoria social, o conceito realizaria, na verdade, de maneira ainda mais profunda, a redução da subjetividade aos determinismos sociais. O problema, segundo Alexander, é que faltaria a Bourdieu uma teoria positiva da subjetividade, ou seja, uma concepção clara sobre como os sujeitos lidam com a realidade social ao longo de toda a sua socialização e nas situações atuais de ação. O conceito de habitus seria, num certo sentido, vazio. Ele apenas afirmaria que a subjetividade humana seria produzida a partir da incorporação das estruturas sociais externas e que as ações presentes seriam a expressão dessas estruturas incorporadas, preservadas internamente na forma de um habitus. Não haveria, propriamente, uma teorização sobre como os indivíduos lidam com a realidade externa, aceitando-a ou rejeitando-a parcialmente, sobre como filtram as influências a que estão submetidos, sobre o que os motiva em última instância, para além de seus objetivos imediatos, empiricamente variados. Na ausência dessa teoria, deslizar-se-ia facilmente para uma concepção unilateral, que reduz a complexa relação indivíduo sociedade a um determinismo sociológico simplificador.

As mesmas críticas feitas por Alexander ao conceito de habitus de Bourdieu podem, em alguma medida, ser feitas ao conceito bem mais específico, preferido por Lahire, de disposição. O conceito seria vazio de conteúdo. Não refletiria uma concepção positiva sobre o papel dos indivíduos na relação que estabelecem com a realidade social. Referir-se-ia apenas às marcas deixadas nesses pela realidade social, marcas essas passíveis de serem reativadas em outros contextos.

Não se trata de negar o determinismo em favor de uma defesa ingênua e ideologicamente orientada da autonomia individual. Não se busca aqui apoiar moralmente a imagem que os indivíduos modernos tendem a fazer de si mesmos como seres autônomos e racionais, contra a lógica implacável e, muitas vezes incômoda, do determinismo sociológico. O que se está apontando é apenas a falta de uma teoria geral sobre como os seres humanos lidam com as múltiplas influências

sociais a que são submetidos sincrônica e diacrônicamente, aceitando-as ou rejeitando-as em maior ou menor grau. Construir uma teoria geral sobre a subjetividade humana, sobre o que os indivíduos buscam e sobre o modo como processam internamente o universo social em que estão inseridos não significa reeditar a contraposição equivocada entre indivíduo (associal, racional, consciente) e sociedade. Significa apenas tornar mais explícitos os mecanismos gerais ou universais por meio dos quais indivíduos já socializados lidam com novas influências sociais, aceitando-as ou rejeitando-as em maior ou menor grau.

Na ausência de uma teorização mais explícita sobre o modo como os indivíduos se orientam frente às diferentes forças sociais, o esforço de análise empírica da realidade individual proposto por Lahire corre sempre o risco de produzir explicações ad hoc. Esse problema pode ser dividido em duas partes.

A primeira refere-se à relação entre o indivíduo em questão e as múltiplas influências recebidas por ele ao longo do processo de socialização. Na ausência de um modelo teórico capaz de oferecer uma explicação coerente e sistemática sobre o modo como o indivíduo se relacionará com essas várias influências (especialmente com as contraditórias ou antagônicas), aceitando-as ou rejeitando-as em grau e forma variada, incorre-se, com muita facilidade, num tipo viciado de explicação post factum: conhecido o comportamento presente do sujeito, tende-se a supervalorizar, entre as várias influências que ele recebeu, aquelas que de maneira mais óbvia podem tê-lo conduzido à incorporação das disposições necessárias à adoção do comportamento observado. Em relação à escolha de um curso superior, por exemplo, se se sabe que um candidato decidiu-se por Música, tende-se a conferir uma grande importância às experiências socializadoras vividas pelo indivíduo que, de uma maneira mais evidente, podem contribuir para a formação de um gosto musical (como a frequência a um curso de música na infância) e a, simultaneamente, minimizar o peso de outras influências. Se esse mesmo indivíduo tivesse escolhido Engenharia, apesar de ter recebido a mesma formação musical, tenderíamos a minimizar a importância dessa iniciação musical e a superestimar a força socializadora do pai ou do tio engenheiro¹⁷.

O mesmo raciocínio vale para a segunda parte do problema: aquela que se refere à relação entre disposições incorporadas e contextos de ação. Se o ator age de uma determinada maneira num determinado contexto, tendemos não apenas a superestimar a força das disposições que podem tê-lo conduzido a isso, mas também a sobrevalorizar a influência estimulante que o contexto pode ter tido sobre ele. Para tomarmos outro exemplo relacionado à escolha do curso superior: se soubermos que um indivíduo está preparando-se de forma metódica e intensiva para o vestibular, tendemos, por um

¹⁷ Sobre a interpretação sociológica do processo de escolha dos estudos superiores, ver: Nogueira, 2004, 2012.

lado, a superestimar suas disposições ascéticas e as experiências de socialização que as podem ter constituído e, por outro, a enfatizar as características favoráveis do contexto, como o fato de estar cursando um curso pré-vestibular bastante exigente e de poder contar com as facilidades de um ambiente familiar silencioso e tranqüilo, ou seja, propício aos estudos. Assim, subestimamos possíveis influências em sentido contrário, e, talvez, igualmente forte, que se exercem simultaneamente sobre o indivíduo por parte, por exemplo, dos seus amigos de bairro, mais envolvidos com atividades de lazer.

O raciocínio *post factum* e as explicações *ad hoc* que o acompanham nascem, na verdade, da falta de uma resposta teórica para o problema da relação dos indivíduos com seu meio social ou, de forma mais clara, para o problema da orientação social da ação individual. Lahire não nos propõe um modelo teórico a partir do qual seja possível explicar e muito menos predizer o modo como os indivíduos vão relacionar-se - aceitando-as ou rejeitando-as, parcial ou completamente - com as múltiplas (em parte contraditórias ou mesmo antagônicas) influências sociais que recebem ao longo de suas trajetórias sociais e no contexto imediato de ação. Até que ponto o indivíduo vai submeter-se à influência dos pais, dos irmãos, dos professores ou do grupo de amigos na definição de seu curso superior? Que peso relativo pode assumir, no processo de tomada de decisão, a pressão dos pais a favor do curso de Direito, a influência de um círculo de amigos no qual predomina a opção por Administração e o fato de se ter tido uma primeira experiência profissional, bem sucedida, numa firma de Engenharia Civil?

Na ausência de uma teoria mais geral sobre o modo como os indivíduos se relacionam com seu meio externo, restam apenas duas possibilidades. A primeira consiste em descrever, da forma mais detalhada possível, as experiências de socialização, os contextos de atuação e as práticas sociais efetivamente realizadas por indivíduos específicos. Não se chega, nesse caso, a estabelecer, explicitamente, nexos causais entre as experiências de socialização e as ações práticas realizadas, mas apenas se identifica a existência de certas correlações entre essas duas dimensões. Embora Lahire jamais adote deliberadamente essa orientação epistemológica modesta, ela existe logicamente como uma das possibilidades de desenvolvimento do seu programa de pesquisa e, mais do que isso, aparece de forma embrionária no modo como são construídos os seus “retratos sociológicos” (Lahire, 2002a). Faríamos uma interpretação sobre o sentido da ação dos indivíduos em questão, mas não chegaríamos a tentar explicá-lo.

A segunda possibilidade consiste em tentar explicar efetivamente os comportamentos com base nas experiências de socialização e nas supostas disposições incorporadas pelos indivíduos. Essa explicação, no entanto, enfrentaria duas dificuldades. A primeira, o fato de que disposições são tendências, inclinações, e não regras de ação e, portanto, não parecem suficientes para explicar

comportamentos específicos dos indivíduos. A segunda, diretamente relacionada ao raciocínio post factum, acima discutido, consiste na explicação ad hoc. De acordo com as necessidades heurísticas do momento, realça-se essa ou aquela experiência socializadora vivida pelo indivíduo, acentua-se a força de determinada disposição e não de outra, ou ainda, enfatizam-se certas propriedades do contexto que estimulariam a ação em detrimento de outras que a desfavoreceriam. Este tipo de deslize interpretativo aparece ocasionalmente nos retratos sociológicos produzidos por Lahire (2002a) e também em seus estudos de casos de “sucesso” e “fracasso” escolar nos meios populares (1997).

Fundamentalmente, buscou-se argumentar nesta parte final do texto que não basta descrever empiricamente a intensidade, a precocidade e o caráter mais ou menos sistemático e coerente de cada uma das múltiplas influências sociais a que um indivíduo foi ou é exposto. Os indivíduos não se submetem às forças sociais de forma mecânica. Eles aceitam ou resistem a elas de maneira mais ou menos intensa¹⁸. É preciso entender, portanto, a lógica das reações individuais, ou seja, os mecanismos básicos que determinam a aceitação ou a resistência dos indivíduos frente às influências externas. Dito em outras palavras, é preciso formular uma resposta teórica ao problema da relação do indivíduo com seu meio social que nos permita não apenas interpretar, mas explicar (Archer, 2003), simultaneamente, as atitudes de sujeição e de resistência dos indivíduos diante das várias influências sociais a que são expostos.

É preciso reconhecer que o que se está chamando aqui de problema da orientação social da ação individual não diz respeito apenas à abordagem de Lahire, mas que, ao contrário, constitui um desafio a ser enfrentado pelo conjunto das Ciências Sociais. Quando se trabalha em escala macrosociológica, utilizando-se categorias coletivas de análise, pode-se, em alguma medida, evitá-lo, utilizando-se o raciocínio estatístico ou servindo-se de tipos ideais. Afirma-se que os ocupantes de uma dada posição social agem, com certa probabilidade ou tipicamente, de certa forma, diante de determinado tipo de contexto. A importância de certa influência ou o efeito de um determinado contexto sobre o comportamento dos ocupantes de uma dada posição social pode, portanto, ser prevista e, até mesmo, mensurada estatisticamente.

Quando se trabalha em escala individual, como se propõe Lahire, o problema da orientação social da ação individual se torna, ao contrário, premente. Se a experiência de vida de um indivíduo específico não se determina pela sua localização numa única e bem delimitada posição social, mas, ao contrário, constitui-se a partir de múltiplas e mais ou menos incoerentes influências sociais, passa a ser fundamental entender como o indivíduo se relaciona com essas múltiplas influências. O

¹⁸ Isso não significa dizer que eles decidam consciente e autonomamente se sujeitar ou resistir a cada uma das influências a que são expostos.

que faz com que cada uma delas se torne mais ou menos relevante como princípio de orientação de suas ações?

Antes de finalizar este texto, cabe ainda assinalar rapidamente um último risco associado à abordagem de Lahire: o da hipostasiação das disposições individuais. Tende-se, com muita facilidade, a pensar nas disposições como algo que tem vida própria, que se ausenta, mas depois reaparece, que estabelece com outras disposições relações de força ou de cumplicidade, que nasce e que, talvez, morra. Passa-se facilmente, como dizia Bourdieu em relação à concepção de estrutura social, do modelo da realidade à realidade do modelo. As disposições são tratadas como algo bem delimitado, já pronto, predefinido em relação ao momento da ação. Esquece-se, nesses casos, que a bagagem de cada indivíduo não é apenas utilizada em cada contexto, mas, mais do que isso, construída, ou, no mínimo, reconstruída por meio de um processo de interação e negociação entre os atores envolvidos. Esquece-se, igualmente, que as disposições são construções hipotéticas feitas pelo observador a partir da identificação (sempre, em alguma medida, arbitrária) de traços recorrentes no comportamento dos indivíduos. Empiricamente, só existem ações, nunca disposições. Lahire parece consciente (Cf. 1998, p.63-69) do risco de substancialização das disposições. Um dos seus objetivos ao enfatizar a necessidade de se definir as disposições a partir de múltiplas manifestações parece ser, justamente, o de minimizar esse problema. Resta, de qualquer forma, a necessidade de mantermo-nos atentos¹⁹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey. *La réduction - Critique de Bourdieu*. Paris: Les Editions du Cerf, 2000.

_____. O Novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 2, n. 4, p. 5-28, jun. 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris : Les Édition de Minuit, 1980.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ARCHER, Margareth. *Structure, agency and the internal conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

LAHIRE, Bernard. *Culture écrite et inégalités scolaires. Sociologie de l' "échec scolaire" à l'école primaire*. Lyon, Press Universitaires de Lyon, 1993.

¹⁹ Os argumentos apresentados nesta terceira parte do texto encontram-se desenvolvidos de modo mais detalhado em Nogueira, 2004.

_____ *Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

_____ De la théorie de l'habitus à une sociologie psychologique. In: _____ (org.), *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu*, Paris : La découverte, 1999a.

_____ Esquisse du programme scientifique d'une sociologie psychologique. *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. CVI, p. 29-55, 1999b.

_____ Catégorisations et logiques individuelles : Les obstacles à une Sociologie des variations intra-individuelles. *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. CX, p. 59-81, 2001.

_____ *Portraits sociologiques*, Paris : Nathan, 2002a.

_____ Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação & Revista*, nº78. p.37-56, abril de 2002b.

_____ *O homem plural – Os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002c.

_____ From the habitus to an individual heritage of dispositions. Towards a sociology at the level of the individual. *Poetics*, 31, p. 329-355, 2003.

_____ *L'Esprit Sociologique*, Paris, La Découverte, 2005

_____ *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

_____ *Franz Kafka – éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La découverte, 2010.

_____ *Monde Pluriel – Penser la unité des Sciences Sociales*. Paris: Éditions Du Seuil, 2012.

_____ *Dans lês plis singuliers du social*. Paris: La découverte, 2013

NOGUEIRA, Claudio. M. M. *Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escolha do curso superior*. UFMG: Tese de doutorado, 2004.

_____ Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 18, 2012.

ROCHEX, Jean-Yves. *Expérience scolaire et procès de subjectivation. L'élève et ses milieux*. Note de synthèse pour l'habilitation à diriger des recherches, Université Paris 8, 2000.